ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

# EVOLUÇÃO DO ENSINO NO PROCESSO GRAMATICAL

SILVANA DA SILVA

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
R. N.º 10265
Data 16/07/04
doação

PONTES E LACERDA, JANEIRO DE 2004

Turma 2003/2 Ex. 01

SILVANA DA SILVA

# EVOLUÇÃO DO ENSINO NO PROCESSO GRAMATICAL

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT/ Campus de Pontes e Lacerda (DL) como requisito final para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.
Orientadora Professora: Denise Ibanhes Berquó

PONTES E LACERDA, JANEIRO DE 2004

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

_____

_____

_____

Pontes e Lacerda, fevereiro de 2004.

*É um direito elementar do aluno ter acesso aos bens culturais da sociedade, e é bom não esquecer que para muitos esse acesso só é possível através do que lhes for ensinado nos poucos anos de escola.*

*Sírio Possenti*

*Agradeço primeiramente a Deus, que deu-me forças para chegar ao término deste trabalho.*
*"Tudo posso naquele que me fortalece"* (Filipenses 4: 13)

*Também a minha família, por ter me dado apoio nas realizações dos estudos durante esses quatro anos de Universidade;*

*E as minhas colega pelo estímulo na efetivação dos trabalhos.*

*A Deus, que me permitiu realizar este trabalho;*

*Ao meu esposo Leonardo e minha filha Laryssa, que compreenderam minha ausência nas horas importantes de suas vidas;*

*Aos meus pais, que muito contribuíram para que um dia eu viesse a ser uma professora;*

*Ao meu avô (in memorium) e minha avó, que me ajudou nos momentos difíceis da minha vida;*

*A minha orientadora, Denise, que me passou informações precisas para a realização deste Ensaio Monográfico.*

# RESUMO

Este é o resultado realizado, através de estudos e pesquisa, sobre o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, a partir de certas concepções tradicionais até o momento atual.

Na primeira parte, abordamos alguns conceitos da gramática tradicional, descritiva e internalizada, dando ênfase à normativa, assim como à concepção de Língua e Linguagem, sob o ponto de vista de alguns autores. Enfocamos a importância de ensinar gramática dentro de um contexto relacionando-a com a realidade do educando. Sobre o livro didático, discutimos as atividades que vêm sendo elaboradas de forma fragmentada e que, às vezes, leva o professor a atitudes autoritárias, pois despreparado não discute de forma racional as regras gramaticais. Abordamos sobre o aspecto lingüístico as relevâncias e o preconceito manifesto na sociedade e também em sala de aula. E por último a necessidade de dominar as regras gramaticais tanto oral quanto escrita para um bom desempenho na sociedade.

Na segunda parte, analisamos os métodos utilizados ao ensinar gramática, assim como o conteúdo que de forma mecanicista sem significação é abordado pelo professor que não menciona que este serão aproveitados ao produzir seus próprios textos. Falamos da ineficácia de ensinar a palavra solta descontextualizada, levando o aluno ao desinteresse.

Em relação ao comodismo, vimos que o professor não incita o aluno à curiosidade de pesquisar, mostrando que é através da leitura e da escrita o mesmo pode tomar posição crítica diante dos fatos concretos.

Enfim, o trabalho mostra a importância da gramática no momento da praticidade e o processo de ensino-aprendizagem que leva o aluno ao desempenho de acordo com a sua necessidade.

## SUMÁRIO

RESUMO.....06

INTRODUÇÃO.....08

EVOLUÇÃO DO ENSINO NO PROCESSO GRAMATICAL.....09

ANÁLISE SOBRE A METODOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....20

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....27

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....29

ANEXOS.....31

# INTRODUÇÃO

O ensino de gramática nas aulas de Português tem representado um problema constante para professores de Língua Portuguesa nas escolas.

Colocamos aqui de maneira simples, alguns conhecimentos sobre a gramática que consideramos essenciais para o trabalho em sala de aula. Trata-se de esclarecimentos de conceitos referentes ao ensino gramatical, às maneiras como as variações lingüísticas podem ser consideradas e utilizadas durante a aprendizagem.

Abordamos também a importância de relacionar os exercícios do Livro Didático com a realidade do aluno, uma vez que esses serão proveitosos no momento da produção e interpretação textual.

O objetivo deste Ensaio Monográfico é apresentar ao professor de Língua Portuguesa informações necessárias para tornar as aulas de gramática interessantes, levando o aluno a posicionar-se de maneira crítica, responsável nas diferentes situações sociais.

Este trabalho está dividido em duas partes, sendo a primeira: "Evolução do ensino no processo gramatical", apresenta alguns conceitos de Língua e Linguagem e define as várias gramáticas existentes. Aborda questões relativas á natureza gramatical e sugestões para a aprendizagem de seus desdobramentos no ensino.

A segunda parte refere-se "Análise sobre a metodologia no ensino de Língua Portuguesa que inclui pesquisas realizadas com alguns professores e alunos diante da dificuldade em compreender a gramática de forma clara e coerente.

Utilizamos alguns autores como: Marcos Bagno, Evanildo Bechara, Celso Cunha, Luiz Carlos Travaglia, Sírio Possenti, Luiz Carlos Cagliari, Pedro Luft, Mário Perini, Maria Helena de Moura Neves e outros.

É com esta perspectiva na evolução do ensino no processo gramatical, este trabalho está organizado de modo que sirva de objeto de reflexão e debate.

# EVOLUÇÃO DO ENSINO NO PROCESSO GRAMATICAL

A gramática normativa conceitua a linguagem como um conjunto de sinais que possibilita a comunicação entre indivíduos, desde que seja atribuída valor convencional.

Essa é determinada profundamente pela vida social que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma Língua qualquer. Para a lingüística só é interessante a Linguagem Falada ou Articulada e que não existe sujeito sem linguagem, nem linguagem sem ideologia.

Já a língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos; utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável, ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela ao do organismo social que a criou.

Segundo Saussure língua é um sistema de signo depositado no cérebro dos falantes e fala é onde o indivíduo se dá a conhecer, enquanto ser pensante e atuante no processo comunicativo.

Luiz Carlos Travaglia (1997) diz que a gramática normativa estuda apenas os fatos da língua padrão, norma culta que se tornou oficial dando maior importância à escrita. Essa gramática apresenta e dita normas de bem falar e escrever para a correta utilização oral e escrita do português, determina o que se deve o que não se deve usar na língua. " Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira". (TRAVAGLIA, 1997)

A gramática normativa, regula o uso da língua de uma sociedade como uma espécie de lei. E infelizmente por força da tradição ou por desconhecimento da existência das outras. Quando os professores falam de ensino de gramática nas escolas, pensam apenas na norma padrão como único meio de interação social. " O estudo da gramática não é caminho conveniente para desenvolver o desempenho na leitura e na escrita". (PERINI, 2001: 33)

Dessa forma o autor trata da necessidade de separar a descrição que se faz da norma culta da língua, que é apenas gramática descritiva de uma variedade lingüística, com a transformação do resultado dessa descrição em leis para o seu uso.

Temos então, na variedade culta e formal da língua simplesmente a descrição. Por exemplo:

- o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito;
- não se iniciam frase com pronome obliquo átono;

Quando os fatos da língua culta são transformados em regras, considera-se como "erro" as outras possibilidades existentes nas demais variedades da língua. " A língua é o que é , e não o que poderia ou deveria ser: ela é como a fizeram e fazem os que a falaram e falam". (LUFT, 1999: 03)

Desse modo, as variedades lingüísticas são utilizadas de acordo com diferentes situações, pois qualquer pessoa modifica sua maneira de falar conforme o contexto. Isso na fala, pois a variedade padrão é própria da escrita.

É importante destacar que cada situação tem sua especificidade que substituída por outras pode causar desvio comunicacional ou mesmo acabar com a possibilidade de comunicação.

Para Bagno, o estudo sobre a linguagem e língua deu-se no início com grandes escritores do passado "aqueles que são chamados os clássicos da língua".

Os estudos da literatura clássica da Grécia, preocupados em preservar na maior "pureza" possível a língua grega, resolveram descrever as regras gramaticais para que servissem de modelo para quem quisesse escrever obras literárias em grego.

Durante o Renascimento (séc. XIV-XV), começaram a ser escritas as primeiras gramáticas das chamadas línguas "vulgares". "(...) essas obras tentaram encontrar, nas línguas vivas da época, as mesmas categorias gramaticais descritas pelos respeitados gramáticos da Grécia e Roma." (BAGNO, 2001: 18)

Com o objetivo de dedicar-se exclusivamente à língua escrita, a gramática tradicional deixou de fora a oralidade, atendendo ao tipo de sociedade daquela época, na qual a aristocracia ditava as regras. Tais regras foram comparadas com uma régua que serve para medir o que é linear e corrigir o que não está correto.

Na idade média, a Bíblia só podia ser lida em latim e quem ousasse traduzi-la para línguas nacionais eram perseguidas e mortas, tudo isso usado como meio de controle as crenças religiosas. Assim também a gramática tradicional foi usada como uma forma de corrigir o uso íntimo e pessoal da língua por parte dos indivíduos. " A

gramática é o ponto de partida e cabe a cada um de nós ampliar nossos conhecimentos lançando desafios e curiosidades intelectuais". (POSSENTI, 2001: 85)

É nesse sentido que a gramática deve ser utilizada, como uma constante busca de informações e não dada como uma verdade absoluta.

Buscar fontes e conceitos diferentes para enriquecer o conhecimento é fundamental para o avanço intelectual e aumento crítico ao analisar a língua e conceituá-la.

O ensino escolar nos faz muitas vezes acreditar que não sabemos português, isso devido as reprovações durante os anos.

Entender a língua, nos leva a uma complexidade, no sentido de saber ou não usá-la e em que momento.

É necessário distinguir dois tipos de conhecimento sobre a língua, o implícito e o explícito, embora o primeiro conhecimento seja complexa ao nível de utilização. O conhecimento explícito foi adquirido de maneira espontânea, sem regras e sem punições, por pessoas que jamais entenderam a gramática e nem sequer foram à escola.

Se uma expressão é mal elaborada em português, qualquer pessoa que não tenha um nível escolar culto pode perceber, porém requer um conhecimento profundo dos elementos que compõem tal expressão.

Expressões como estas são dadas como "erro" utilizadas por pessoas que não tiveram o privilégio de freqüentar uma escola.

A língua que falamos, certamente, não é a mesma que escrevemos, pois a forma de falar depende muito do local e do momento em que está inserido.

Quando utilizamos a fala naturalmente, não percebemos o desvio gramatical que ocorre, mas na escrita isto não deve acontecer, pois ela exige normas de funcionamento inerentes à língua materna.

No entanto, há duas línguas no Brasil, assim podemos dizer, uma que se escreve (Português), outra que se fala (língua materna). "(...) somos capazes de tomar decisões e fazer julgamentos de aceitabilidade com segurança, baseando-nos em tipo de conhecimento que manejamos com facilidade quase incrível". (PERINI, 2001: 15)

Dizemos então, que o conhecimento implícito da língua, pode-se definir frases que não estudamos antes, tudo isso pelo uso que falamos diariamente com os mecanismo mentais que usamos com eficiência, adquiridos de maneira informal, por imitação e herança genética.

Muitas vezes enxergamos os fatos através de teorias ou expectativas prévias e deixamos de perceber as coisas porque baseamos no inculcamento do passado.

A gramática normativa traz regras e definições das palavras que podem ser arbitrárias, por isso que seu funcionamento depende do contexto e significado dentro da frase ou de uma estrutura maior, pois milhares de palavras se comportam de maneira semelhante.

Cada classificação das palavras atende uma necessidade específica, mudando o significado, ela precisa também mudar o seu comportamento gramatical de acordo com sua nova função. "Estudar em profundidade a estrutura de uma língua é estudar a mente humana; é observar uma das maneiras que a mente criou de recortar e organizar a realidade, afim de compreendê-la".(PERINI, 2001:102)

Por exigir conhecimento, raciocínio, criatividade e também implica o conhecimento de um vocabulário, torna a arte de escrever uma tarefa muito difícil. São comuns os "erros" de ortografia e os vícios de linguagem, mas sabemos que esses tiram a nobreza da língua.

Algumas palavras e expressões são comuns em nossa comunicação cotidiana, mas que, por conhecimento dos preceitos fixados pelo uso culto do idioma, acabam sendo grafadas ou empregadas erroneamente.

Lidar com aspecto técnico da linguagem exige um razoável domínio do padrão culto da língua portuguesa. Na linguagem oral, a pronúncia se confunde, o que acarreta problemas no texto escrito. "A gramática tradicional é a ideologia que se concretiza na gramática normativa". (BAGNO: 2000).

A gramática normativa apresenta diferenças e mudanças ao longo do tempo se comparando ao nível do gênero literário e também variações idiossincráticos quando comparados como obras individuais.

Colocada como patrimônio do Ocidente, a gramática tradicional tem saberes acumulados, lugar de investigação e especulações filosóficas a cerca da linguagem. Porém o seu uso inadequado desvincula do seu lugar que o processo de reflexão é de investigação, permitindo o ser humano o uso da linguagem; pois a impuseram-na como uma doutrina canônica, de conjunto dogmas irrefutáveis e de verdades eternas. "O confronto direto com a realidade é tudo o que as gramáticas normativas, inspiradas na gramática tradicional, não fazem". (BAGNO, 2000: 18)

Isso eqüivale para o ensino de língua portuguesa, ou seja, a norma padrão. Na escola é a língua materna que não se ensina, mas que é adquirida no ambiente familiar, nos grupos sociais, nas quais o indivíduo freqüenta, antes de ingressar na escola.

De acordo com Pignatari (1999: 99) a gramática da língua tradicional é um discurso que sempre vem de justificativas, nunca de investigações.

Cegalla na sua Novíssima gramática da língua portuguesa (1990: 17), traz a concepção de gramática como um meio posto ao nosso alcance para disciplinar a linguagem e atingir a forma ideal da expressão oral e escrita e que falar mal da gramática seria incoerente quanto ensinar indevidamente os compêndios de boas maneiras só porque preceituam as normas de polidez que todo civilizado deve acatar.

Para Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante (1997: 16), a língua tem forma escrita, como é o caso do português, necessitam da gramática normativa para que se garanta a existência de um padrão lingüístico uniforme no qual se registre a produção Cultural.

Utilizar a gramática como forma de disciplinar a língua não irá garantir uma única norma, uma regra pode e deve ser mudada sempre que necessário, como é o caso das variedades lingüísticas.

A doutrina gramatical veiculada pelas gramáticas normativas escapa aos defensores da gramática tradicional, o que aconteceu foi uma inversão da realidade histórica, isto é, uma característica das ideologias.

Escritas numa determinada época, modelos a ser imitados, usadas pelos escritores, as gramáticas foram elaboradas para descrever e fixar como "regras" e padrões. Ou seja, a gramática normativa é decorrência do uso da língua, é subordinada e depende dele.

No processo da comunicação escrita a gramática normativa passou a ser mecanismo ideológico de poder e controle de uma classe social sobre as demais e consequentemente surgiu a falsa idéia de que os falantes e escritores da língua precisavam desta gramática como se fosse a única forma correta no desenvolvimento da linguagem.

Assim a língua passou a ser subordinada e dependente da gramática normativa, com o conceito internalizado de que o que não está na gramática "não é português", ou seja, é agramatical.

Dizer que não sabemos português e que português é muito difícil, são frases classificadas pelo autor Marcos Bagno como "mitos", elementos que compõem o círculo vicioso do preconceito lingüístico.

Esse preconceito se nutre da crença de que só existe uma língua portuguesa no Brasil e que é a norma ensiná-la nas escolas, explicando-a através da gramática normativa e sendo catalogada nos dicionários. Pois, qualquer manifestação lingüística que escape ao trio escola-gramática-dicionário é considerada pelo preconceito lingüístico "errada", "deficiente".

Capaz de diferenciar intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado o falante nativo de uma língua é competente ao falar sua própria linguagem materna, os "erros" são cometidos quando se obtém um saber mecanizado e treinamento técnico.

Até podemos dizer que "erros" de português existem, só que nenhum falante nativo da língua os cometem ao falar.

Em relação a língua escrita seria interessante trocar a noção de erro pela tentativa de acerto, afinal a língua escrita é uma análise da linguagem falada que será feita no momento de grafar determinada mensagem.

Salientamos no processo da escrita que a pessoa que desenvolve a leitura e a escrita assiduamente, que usa o dicionário como pesquisa, sendo despertada para o uso regular e irregular da ortografia saberá que a analogia não será suficiente, é preciso levar em consideração a cultura erudita, a etimologia das palavras, os critérios de normativização da ortografia, "Todo preconceito que pesa sobre uma variedade lingüística é meio reflexo do preconceito social que pesa sobre seus falantes". (BAGNO: 63)

No que diz respeito a fala, a noção de "erro" é aplicado a toda e qualquer manifestação lingüística (fonética, morfológica e sintática) que são diferentes das regras gramaticais prescritas pela gramática normativa.

Na opinião de Bagno, (1999: 113-116) para assumir uma postura diante do ensino de gramática "basta a substituição de uma sílaba: em vez de repetir o conteúdo gramatical tradicional; o professor e o aluno deveriam refletir criticamente sobre esse conteúdo".

Possenti (1997: 87) sugere "privilegiando a gramática internalizada, em seguida a descritiva e, por último, a normativa seria o ideal de ensino na escola.

Mencionar que a gramática normativa é mecanismo ideológico de poder e de controle é que forma a falsa consciência de que os usuários de uma língua é que precisam conhecê-la constantemente como privilégio da comunicação. " Os gramáticos normativistas não passam de meros guardiões de uma inutilidade consagrada pelo poder constituído". (Ivan Teixeira: Veja 21/04/1999. p.148-149)

Como ressaltamos a gramática não tem nada a ver com a intuição lingüística do indivíduo, enquanto falante nativo da língua, mas com prescrições de normas arcaicas aplicadas de forma mecânica e acrítica.

É de fato dramático, a questão da língua/linguagem e gramática na instituição escolar, tornando o ensino de Língua Portuguesa em uma situação de conflitos e problemas.

Verificamos que há diferentes conceitos de gramática como a que pressupõe uma única forma de falar e escrever corretamente, segundo padrões predeterminados pela linguagem escrita, dada como gramática normativa, essa deve ser seguida.

A gramática descritiva procura descrever as línguas como elas são usadas pelos falantes e escritores, não se preocupa com regras, varia de acordo com as condições de uso. Trata aquilo que é considerado "errado" como "diferente", trabalha de forma incluente e não excluente, regras que são seguidas.

Já a gramática internalizada são as regras que as falantes conhecem, dominam e usam no cotidiano. Os grupos que falam uma língua ou um dialeto, em geral julgam a fala dos outros a partir da sua. "Saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática". (POSSENTI, 2000: 30)

Certamente, não significa saber algumas regras que se aprendem na escola, ou fazer análises morfológicas e sintáticas, mas falar efetivamente a língua.

Seria vantagem no ensino de português que a escola como padrão ideal de língua propusesse aos alunos a escrita dos jornais ou textos científicos, ao invés de ter como modelo a literatura antiga. Pois este tipo de escrita, atualmente, constitui a língua padrão, porque é vinculada constantemente pelas pessoas cultas do país. "Ler e escrever são trabalhos essenciais no processo de aprendizagem". (POSSENTI: 49)

A prática de leitura e escrita é importante na escola, desde que possibilite o aluno uma imitação da atividade lingüística da vida, com um processo de reescrever, comentar e corrigir de forma crítica e meramente observadas, com sentido inserido na realidade do indivíduo.

Se considerarmos pelo menos três concepções de gramática, o ensino gramatical pode ser válido e necessário para que o aluno seja capaz de expressar-se nas mais diversas circunstâncias, de acordo com as exigências e convenções.

Mas a escola, não corresponde às necessidades dos alunos que hoje a freqüenta, pois são pertencentes a diferentes segmentos da sociedade, várias regiões, com diversas experiências lingüísticas e a mesma continua ensinando o que ensinava há alguns anos. "(...) mudou a população escolar, mas a escola continuou, ilusoriamente, ensinando o que e como ensinava há 20 ou 30 anos atrás". (MURRIE: 13)

Com isso a escola não respeita a fala do aluno substituindo-a pela "culta", transformando a disciplina em somente conteúdos repetidos. Porém, quando considerarmos a gramática de uma língua como parte integrante do conhecimento lingüístico do usuário que é capaz de operacionar regras sem conhecê-las e sem denominá-las, a mesma deixa de ser somente um conjunto de normas e transforma-se em "uma explicitação das regras de uso da língua, em situações significativas".

Ressaltamos a concepção de Bagno (2000: 159), que ao tratar sobre português padrão e não padrão, diz que nem mesmo o falante mais culto, mais escolarizado que controla sua fala ou escrita, obedece totalmente as regras prescritas.

Contudo, o desconhecimento da norma padrão impede a realização do diálogo entre a escola e o aluno. Podemos reverter essa situação, no momento em que a escola abrir espaço para as variantes lingüísticas, com a oportunidade de conhecer e dominar a norma, sem discriminar o dialeto utilizado.

Naturalmente, não significa que a norma padrão deva ser excluída das escolas e substituída pelos dialetos, devemos adequar a metodologia a realidade, buscar apoio em teorias na área de disciplinas pedagógicas como um processo de aperfeiçoamento educacional metodológica. "É o domínio da norma padrão que possibilita ao indivíduo o acesso à cultura letrada, ao mesmo tempo que o instrumentaliza para uma participação social e política efetiva". (MURRIE, 2001: 93)

Acreditamos que através do ensino da gramática, o indivíduo tinha facilidade de expressar, seja de forma escrita ou oral. Para que isso aconteça é necessário que se rompe com a simples reprodução de conteúdos.

Enfim o que torna a gramática uma disciplina difícil, seria uma metodologia inadequada ou a falta de conhecimento referente ao ensino gramatical?

Bem, o momento crucial de toda vida escolar é o momento da alfabetização, no qual, o interesse é que a língua escrita tenha um alcance de comunicação amplo, visando não só a comunidade local, como a nacional e a internacional.

Desse modo é interessante haver uma forma de comunicação escrita que sirva não somente de intercâmbios entre a comunidade, mas também entre indivíduos falantes do português e transcendendo o tempo entre pessoas que vivem em épocas diferentes.

Ou optaremos por uma escrita que nos permite o entendimento regionais, ou teremos diversas línguas escritas, próximas da linguagem falada. Os únicos capazes dessa conciliação são os artistas que através do seu mundo "mágico" se fazem entender mesmo por leitores longínquos, pois são universais.

A primeira opção é a que determina o conservadorismo da língua escrita. Isso porque ainda conservamos o Ç e SS para representar o S e o Z e o S para diversos casos de representação na escrita para único som na fala.

É compreensível ao constatarmos que há um paradoxo, onde o professor seja conhecedor da matéria que ensina, mas não tem o preparo pedagógico necessário para saber o que deve ser ensinado e o que deve ser reservado para cérebros capacitados para compreender certas generalizações e abstrações.

Muitas vezes, o educador quer que o educando assimile com a mesma facilidade com que ele adquiriu, isso leva o mesmo a incompreensão da disciplina e a falta de interesse.

Na verdade é que o ensino da gramática está presente nos planejamentos anuais e não podemos descartá-la.

As pesquisas feitas pela autora Maria Helena de Moura Neves, (1991:10) revelou que por parte dos professores o ensino da gramática na escola oferece ao aluno um bom desempenho, melhor expressão, melhor comunicação e melhor compreensão.

Alguns professores tem a preocupação com a normatividade, maior correção, conhecimento das regras e do padrão culto, outros disseram que o ensino gramatical oferece um conhecimento sistemático da língua.

Mas não faltou aquele professor que utiliza a gramática, somente para fixação de exercícios em sala, não apontando a necessidade para a vida prática.

Como ensinar a gramática na escola e relacioná-la com a realidade é que tem sido um problema. Essa é uma das preocupações dos professores quando a metodologia

usada. Muitos optam pelos textos como ponto de partida, sejam eles retirados dos livros didáticos ou mesmo produzidos pelos próprios alunos.

Quanto a dificuldade no ensino da gramática atribui-se aos alunos em relação a falta de interesse, falta de maturidade e falta de percepção da utilidade da gramática.

Mas de acordo com a pesquisa a escola deixa a desejar, não oferecendo uma alfabetização eficiente, quanto aos pontos específicos diz respeito a sintaxe, como por exemplo:

- compreensão da noção de transitividade;
- determinação da distinção entre:
- sujeito indeterminado e sujeito "oculto" de terceira pessoa do plural;

Mas adiante percebemos que os professores utilizam os manuais de gramática com pouca freqüência, pois se restringe ao apoio do livro didático, o que torna o ensino gramatical em exercícios cansativos e muitas vezes como ocupação do tempo em sala de aula.

Percebemos que os professores não conhecem o livro didático que adotam como material a ser utilizado o ano todo. Isso traz conseqüências terríveis, pois dão aulas sem preparação e muitas vezes só seguem propostas que o autor indica, desvalorizando a realidade do contexto escolar.

Os professores devem ensinar gramática dentro de um processo cooperativo de interação entre as diferentes formas de linguagens visando as diversas dificuldade e ansiedades pertencentes a classe estudantil.

Entretanto, o ensino da gramática na escola necessita de organização lógica. O professor deveria relacionar o conhecimento que o aluno tem da língua materna, mostrando o seu funcionamento, a sua estrutura, para que serve e porque ensiná-la sobre o aspecto gramatical.

O objetivo é ensinar ao aluno várias normas, conceitos propriamente dito, os dialetos sociais e geográficos. É essencial a prática de leitura e escrita na escola, podendo ser realizada em sala e não dado somente extra classe.

Ao invés de prender-se as repetições, o que deveria é colocar a gramática no sentido lógico, que faça sentido, em que suas definições sejam compreensíveis. "O trabalho do professor de língua portuguesa constitui-se em multiplicar , aumentar e acrescentar os recursos expressivos de que a criança não dispunha". (MURRIE: 20)

O ensino só terá sucesso, a partir do momento que o professor sair do "pódio" posição privilegiada do saber, e o aluno como quem só recebe e se cala, só assim haverá o processo do ensino-aprendizagem, através de questionamentos, indagações e *insatisfação* com a pouca informação.

A escola acredita que a metodologia usada pelos professores, direção à coordenação, vem contribuindo para a formação crítica dos discentes, pois os projetos desenvolvidos estimulam a participação dos alunos.

A filosofia da escola é formar alunos críticos e conscientes para o exercício da cidadania.

Os conteúdos de aprendizagem não de reduzem unicamente às contribuições das disciplinas ou matérias tradicionais. Também serão conteúdos de aprendizagem todos aqueles que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social.

Não basta estudar a pertinência dos conteúdos, é necessário verificar se as atividades propostas na unidade são suficientes e necessárias para alcançar os objetivos previstos.

Não é possível ensinar nada sem partir de uma idéia de como as aprendizagem se produzem. As aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes, correspondem em grande parte, às experiências que cada um viveu, a forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem varia segundo suas capacidades motivações e interesses.

Sem dúvida, não é fácil conhecer os diferentes graus de conhecimento de cada discente, e identificar o desafio de que necessitam, saber que ajuda requerem e estabelecer a avaliação apropriada para cada um, a fim de que se sintam estimulados a se esforçar.

Os conteúdos devem ter condições determinadas como partir de situações significativas e funcionais, a fim de que possa ser aprendido junto com a capacidade de poder utilizá-la quando conveniente.

Sobre o planejamento do ensino, o atual processo de planejamento do ensino tem sido objeto de constantes indagações quanto a validade como efetivo instrumento de melhoria qualitativa do trabalho docente.

Os objetivos educacionais propostos nos currículos apresentam-se de forma confusa e desvinculados da realidade social. Pois os conteúdos são definidos de forma

autoritária. Nessas condições, tendem a mostrar-se seus elos significativos com a experiências de vida dos alunos, seus interesses e necessidades.

O planejamento adequado, se traduzirá pela ação pedagógica direcionada de forma a se integrar dialeticamente ao concreto do educando, buscando transformá-lo. Planejar significa ainda, desenvolver a atividade de curiosidade científica, de investigação da realidade não aceitando como conhecimento perfeitos e acabadas os conteúdos transmitidos na escola. Só assim, planejar supera sua concepção mecânica e burocrática no contexto do trabalho docente.

Os alunos já possuem uma experiência que não pode ser ignorada pela escola, experiência das situações de vida, das relações pessoais, bem como uma significativa multiplicidade de informações e conhecimento, embora de forma fragmentada e dispersa.

Os conteúdos a serem estudados, como já fazem parte do currículo escolar previamente estruturado, deverão passar por uma análise crítica com vista identificação daquilo que representa o essencial e o que representa o secundário a ser aprendido. Possibilitar a escolha da língua funcional adequada a cada momento, no texto ou em que for exigido, extremear várias línguas funcionais, por exemplo, a modalidade lingüística do narrador e as praticadas pelos personagens, é a missão do professor de língua.

Assim, ao dispor de uma modalidade lingüística sendo capaz de descodificar outras modalidades utilizadas pelas pessoas culturalmente inferior ou superior a ele é que torna o aluno "poliglota dentro de sua própria língua".

Segundo Bechara (2000: 14), haverá opressão em "impor", indistintamente, tanto a língua funcional culta a todas as situações de uso da linguagem, como a língua funcional da modalidade familiar ou coloquial.

Dessa forma, haverá "liberdade" ao entendermos que a língua é um conjunto de diversas realidades.

# ANÁLISE SOBRE A METODOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Para as considerações que se seguem, tomamos como referência o conteúdo de Língua Portuguesa, ministrado no dia vinte de setembro de dois mil e três, cujas questões principais seriam observar a metodologia utilizada pelo professor no ensino de gramática e algumas questões de conhecimento referente á disciplina.

Em relação à metodologia, Travaglia (1997: 10) diz que a ansiedade de inovar ou parecer moderno nos leva muitas vezes a maquilar teorias e métodos antigos com aspectos superficiais de novas teorias e métodos, gerando não bons instrumentos de trabalho, nas verdadeiras degenerações que mais perturbam do que ajudam, por não se saber exatamente o que se está fazendo.

Sabemos que não há bom ensino sem o conhecimento profundo do objeto de ensino que nosso caso é a Língua Portuguesa.

Através dos diferentes gêneros e que podemos surpreender os usos concretos da língua, conforme os moldes das exigências sociais para os fatos da língua e podemos ainda fugir à prática ineficaz da mera análise morfossintática de frases e palavras soltas.

Perini (2002: 55), sugere que seja reformulado o objetivo do estudo da gramática na escola.

Seria interessante que o professor colocasse a gramática no sentido lógico, que suas definições sejam compreensíveis.

As classes gramaticais são vistas em alguns livros didáticos isoladamente, como conceito de palavra em si e não em um contexto.

Podemos observar o conteúdo utilizado pelo professor no ensino de gramática:

Texto I

"O adjetivo é a palavra que indica um estado, qualidade ou característica dos seres".

Esse conceito não pode ser dado como verdade absoluta, pois estudá-lo separado pode causar embaraços.

Comparem-se, por exemplo:

O **preto velho** comprou um carro.

O **velho preto** comprou um carro.

Na primeira oração, **preto** é substantivo, porque é a palavra-núcleo caracterizada por **velho**, que por sua vez é um adjetivo.

Na segunda oração, ao contrário, **velho** é substantivo e **preto** substantivo.

Tendo uma relação muito estreita entre o substantivo (termo determinado) e o adjetivo (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras, e nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase.

Na verdade, o ensino de língua tem estado no centro do debate pedagógico. O consenso é que a produção textual seja o objeto desse ensino, para que possamos responder às funções mais relevantes da língua e aos ideais de uma escola formadora do cidadão livre, consciente e atuante.

Percebemos que o professor usa somente conceitos fragmentados descontextualizados com as diversas significações sobre adjetivo e isso não está compatível com a realidade do aluno, deixando a disciplina desinteressante, sem aspectos relevantes para uma busca de compreensão.

Para Possenti (1996: 51), se a escola tiver um projeto de ensino interessante através da leitura esse aluno terá tido cada vez mais contato com a língua escrita, na qual se usam as formas padrões que a escola quer que ele aprenda.

Entendemos que produção textual e gramática não são atividades que se estranham, ao contrário são peças fundamentais para a criação de uma estrutura sintática e semântica.

Sabemos que as gramáticas apresentam diferenças entre si, mas o professor e o aluno não têm a curiosidade de pesquisar sobre o assunto abordado, só decoram regras. Dificilmente vemos um professor pesquisando essas falhas e geralmente passam estas regras do livro didático e nada mais.

O ensino da gramática normativa deve apresentar um objetivo de trabalhar teoria e prática através da organização das idéias, vinculando regras com significações coerentes e não como fragmentos isolados sem nenhuma função específica.

Não estamos dizendo que o livro didático não seja bom, o que propormos é que o professor não deve ficar naquilo que está imposto, mas estar em constante busca de informações.

No processo de elaboração das atividades gramaticais, o educador poderá conduzir o aluno a operar criativamente a gramática para melhor compreender os significados que produzem sentido real. Pois mais importante do que saber identificar a ocorrência gramatical é lhe dar um nome é a competência de interpretar o seu papel na construção do sentido do texto, acionando formas e mecanismos gramaticais mais apropriados para produzir o significado desejado.

A atividade abaixo revela problemas que ocorrem com freqüência nos textos escolares, e isso nos levou a tomá-la como exemplo. Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som do outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantos forem as vogais. (Cunha, 2001: 52).

Texto II

Copie as palavras em seu caderno, separando corretamente as sílabas;

a) Água: á – gua
b) riacho: ri – a – cho
c) saúde: sa – ú – de
d) acessório: a – ces – só – rio
e) nasça: nas – ça

A separação silábica nas escolas enfatiza o comodismo exercício fragmentado; é uma atividade ensinada desde os primeiros ciclos de estudo, o objetivo seria oferecer ao aluno condições para uma organização e estruturação textual, mas o educador não busca desenvolver isso em conjunto com a produção, causando conseqüências no momento da praticidade.

É evidente que compete ao professor ajudar o aluno a estabelecer um elo entre a teoria gramatical e a sua prática, bem como buscar inovações, tonando-se um agente na construção do próprio conhecimento.

O professor não deve ficar apenas no comodismo, utilizando respostas prontas dos exercícios fragmentados do livro. Mesmo porque a evolução constante do ensino depende também do conhecimento do profissional em relação ao conteúdo.

O aluno não relaciona a atividade de separar a sílaba no momento de produzir seu texto. É preocupante verificar que alguns professores contemplam a gramática somente como atividade de exercitação, sem reflexão e criticidade.

Neves (2001: 27), em sua pesquisa sobre o Livro Didático aborda que: as críticas ao livro em uso se dirigem em geral à abrangência e profundidade da matéria apresentada, considerando incompleta, resumida, superficial ou com insuficiente exercitação.

É visível a maioria do livro não deixa margem para questionamentos, o que faz o aluno se acomodar e não aprender a gramática. Cabe ao professor de Língua Portuguesa estimular o aluno e causar questionamentos, sugerindo pesquisas, para que o mesmo vá além do que está proposto.

Bagno acredita que precisa haver inquietação em relação à gramática e para reverter essa situação, tornando o aluno crítico é necessário a participação de todos: pesquisadores, professores, acadêmicos, alunos do ensino fundamental e médio.

Alguns professores dizem que a finalidade do ensino é o bom uso da língua, parece-nos evidente que se deva refletir sobre a língua em uso.

Outra conseqüência é a necessidade de o professor trabalhar os casos problemáticos, partir do conhecimento que o aluno ainda não adquiriu.

Não vale a pena recolocar a discussão pró ou contra a gramática, mas é preciso distinguir seu papel do papel da escola, que é ensinar língua padrão, isto é, criar condições para seu uso efetivo (Possenti, 1996: 54).

O exercício oral trabalhado pelo professor de acordo com o texto I, possibilita ao aluno a prática de expressão e a oportunidade de expor suas idéias, criando diversas situações em contextos diferentes, aplicando o nível de compreensão do objeto focalizado.

Conforme Bechara (2000: 46), este exercício não só promoverá um desenvolvimento de uma habilidade e de um hábito de falar, de verbalizar, mas ainda de reflexão, de reformulação de idéias sobre a própria atividade lingüística.

Para melhor entendimento do conteúdo, a proposta seria que o professor trabalhasse produção textual ou até mesmo através de pesquisa em diferentes gêneros textuais.

Queremos refletir aqui, especialmente sobre a questão de que os professores mantêm as aulas sistemáticas de gramática, o que ocorreu, como observamos no texto I foi a mera descrição do conteúdo, sem mesmo compará-lo com outra definição, buscando relacioná-lo com a prática vivencial do aluno.

Mas afinal, o que se pretende com esse ensino?

Conduzir o aluno a operar criativamente com fatos gramaticais para compreender os significados que produzem e colocá-lo em ação. (livro didático: 10)

Melhor desempenho lingüístico, tanto ativo quanto passivo, tanto oral, quanto escrito (Neves: 226)

Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (PCN, Língua Portuguesa: 8).

Através de pesquisas feitas com alguns professores e alunos das escolas públicas estaduais, percebemos algumas tentativas de aplicar a gramática em diferentes métodos.

Texto IV (professor A)

Trabalhar a gramática de acordo com sua função e com seus usos, mas sempre de maneira contextualizada levando os alunos a refletir sobre o papel da gramática na produção e organização dos próprios textos.

Texto V (professor B)

Para mim não existe metodologia no ensino aprendizagem o que vejo e que cada um tem a hora e o jeito de aprender.

Assim sendo desde o momento que o aluno entra em contato com a leitura e escrita o aprendizado da gramática é automático.

Observamos que a resposta de número três do professor A é bastante coerente em relação à metodologia utilizada, principalmente quanto à necessidade de relacionar o sentido do ensino gramatical com a realidade atual.

Já no texto V, o professor B não está preocupado com métodos, não incita o aluno a despertar o conhecimento, pois nesse caso é esse "jeito" que o professor tem a obrigação de tentar formar diferenciadas para despertá-lo.

Quanto à leitura e à escrita, diríamos que é o ponto crucial para levá-los a questionamentos e ao senso crítico.

A pesquisa feita com alunos, deixa-nos bastante preocupados, no que diz respeito às sugestões:

Aluno A

Que mudasse a forma de explicar porque muitos professores sabem para eles, mas quando vai explicar tem dificuldade em passar o que sabem, isso só mostra que muitos não estão preparados para a sala de aula.

Aluno B

A gramática tornaria uma aula interessante, se o professor for mais maleável e brincalhão, fazendo da matéria uma fonte de amigos. Exemplo: Uma aula de dinâmica, uma aula com muita descontração, mas sempre levando a sério.

Nas respostas dos alunos, podemos observar a necessidade de mudança ao aplicar à gramática, se um método não funciona o professor deverá observar se os objetivos foram ou não alcançados e verificar qual é o melhor para os alunos adquirirem de forma descontraída mais com seriedade.

Buscar teorias e uni-la à prática, pois muitas vezes o que ensina não está compatível com a realidade do aluno. O professor despreparado não tem condição alguma de orientar o aluno e nem deveria estar na condição de educador.

Enfim, saber combinar as unidades sintáticas em peças comunicativas eficientes, que envolve a capacidade de adequar os enunciados às situações, aos objetivos da comunicação e às condições de interlocução, isso tudo se integra à gramática.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do problema apresentado nas escolas a respeito das gramáticas, o aluno sente-se confuso e desinteressado. Em se tratando de gramática, este conhece apenas de maneira superficial o aspecto teórico desvinculado da prática.

Verificamos a metodologia utilizada pelo professor e as dificuldades encontradas ao deparar-se com a realidade do aluno.

Observamos que o uso inadequado da gramática e a forma isolada como é elaborado o Livro Didático deixa as definições cada vez mais complexas.

Encontramos algumas dificuldades por ser um tema amplo e polêmico que varia de acordo com o conhecimetno de cada professor. Através deste trabalh9o absorvemos vários aspectos no processo aprendizagem da leitura e da escrita, permitindo averiguar as razões da rejeição do ensino gramatical.

Vimos que o processo de comunicação exige do escritor posicionamentos distintos diante do texto que, ao escrever escolhe entre as inúmeras possibilidades oferecidas pela língua para se transmitir uma informação, aquela que é mais adequada, precisa e concisa dentro do contexto.

Assim, a gramática normativa possibilita ao aluno a criticidade, levantando questionamentos do seu texto oral ou escrito no nível da palavra, da frase e da estrutura. É a valorização das regras gramaticais interagindo no meio social, cria possibilidades no seu funcionamento.

Ressaltamos também a importância de contextualizar a gramática, seja no grafar, seja no expressar com a realidade do aluno no momento da praticidade.

Acreditamos que excluindo as formas fragmentadas e apresentando ao aluno a gramática de forma compreensível, diminuirá o seu sofrimento que irá compreendê-la sem esse sentimento de frustração e inutilidade.

Vivemos numa sociedade composta de diferenças sociais econômicas e culturais. Cada indivíduo possui uma leitura de mundo de modo que é preciso compreender o seu contexto. O trabalho com a gramática não deve ser realizada numa manipulação mecânica de palavras soltas e sim numa relação dinâmica, vinculando linguagem e realidade.

No entanto, a concepção de gramática dos professores avançam em relação a décadas passadas, mas ainda existem questões que merecem reflexões no que tange ao ensino de Língua Portuguesa.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola.* 4 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____ . A língua de Eulália: novela sociolingüística. *6* ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____ . Preconceito Lingüístico. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____ . Gramática da língua portuguesa. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade*? 11 ed. São Paulo: Ática, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística.* Ed. superior. 10 ed. São Paulo: 2000.

CELSO, Cunha, Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo.* Rio de Janeiro: Ed. Nova fronteira, 1985.

ERNANI & NICOLA. *Gramática de hoje.* São Paulo: Scipione, 1999.

LEMLE, Miriam. *Guia Teórico do Alfabetizador.* 15 ed. São Paulo: Ática, 2000.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira.* São Paulo: Globo, 1996.

MURRIE, Zuleika de Felice. *O ensino de Português.* 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola.* 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do Português Contemporâneo.* 4 ed. Ática, São Paulo, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.* 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

# ANEXOS

01- Como você conceitua gramática normativa?

02 – Você tem conhecimento sobre outras gramáticas? Quais?

03 – Qual a sua metodologia utilizada em sala de aula para o ensino de gramática?

04 – Quais as causas e conseqüências da má qualidade do ensino de língua portuguesa?

05 – Como você analisa a rejeição da maioria dos alunos em relação a gramática normativa?

Professor A

1) A gramática normativa prescreve as normas do bem falar e escrever, impõe um uso único da língua, não levando em conta os fatores regionais, culturais, contextuais, sociais, etc. A gramática normativa costuma ser dividida em três partes: fonologia, morfologia e sintaxe.

2) Gramática comparativa e gramática gerativa

3) Trabalhar a gramática de acordo com sua função e com seus usos, mas sempre de maneira contextualizada levando os alunos a refletir sobre o papel da gramática na produção e organização dos próprios textos.

4) O insucesso do ensino da língua portuguesa, certamente ocorre quando há falhas no mecanismo do ensino da gramática, visto que esse entendimento se revela simultaneamente no momento da fala e da escrita.

5) A rejeição no tocante ao ensino da gramática normativa, é que uma grande parte das aulas ainda restringem-se em mediar conteúdos através de exercícios práticos (descontextualizados) que servem apenas para "reafirmar" o entendimento do aluno. É preciso desenvolver no ensino um trabalho interdisciplinar com a preocupação de interagir o conteúdo com o contexto.

Professor B

01- Como você conceitua gramática normativa? Não tenho nenhum conceito sobre gramática porque a gramática ela é parte da nossa comunicação não importa a cultura que pertencemos. Ela está inserida dentro da linguagem de cada povo.

02 – Você tem conhecimento sobre outras gramáticas? Quais?

Creio que a gramática em si só não existe. O que existe são formas de expressar.

03 – Qual a sua metodologia utilizada em sala de aula para o ensino de gramática? Para mim não existe metodologia no ensino aprendizagem o que vejo é que cada um tem a hora e o jeito de aprender. Assim sendo desde o momento que o aluno entra em contato com a leitura escrita o aprendizado da gramática é automático

04 – Quais as causas e conseqüências da má qualidade do ensino de língua portuguesa? São inumeras as causas, mais as mais frequente são: ritimo individual não é respeitado, o que se trabalha em sala não condiz com a realidade do educando, não despertando nele o interesse. mais acredito que não há má qualidade e sim a inaceitação da realidade.

05 – Como você analisa a rejeição da maioria dos alunos em relação a gramática normativa?

Para ele não tem nenhum sentido, se não tem sentido não se tem interesse em aprender. mas se ensinado dentro de texto que tenha sentido ele não rejeitará a gramática como não perceberão que estão aprendendo-a.

01- Como você conceitua gramática normativa?

Dita normas e regras gramáticais estabelecendo um modelo padrão para cada classe ~~classe~~ gramatical.

02 – Você tem conhecimento sobre outras gramáticas? Quais?

Sim, Gramática descritiva, mostra a teória, sem regras

Gramática internalizada - é aquela que cada indivíduo tráz consigo mesmo.

03 – Qual a sua metodologia utilizada em sala de aula para o ensino de gramática?

Exercícios diário, trabalho em grupo, usando exemplo e apresentando aos colegas.

04 – Quais as causas e conseqüências da má qualidade do ensino de língua portuguesa?

Muitas as vezes são reflexos do ensino tradicion e as conseqüências são enumeras dificuldades: ortografia, produção textual, interpretação e a rejeiçã da língua portuguesa.

05 – Como você analisa a rejeição da maioria dos alunos em relação a gramática normativa?

Por ela ser complexa e ambígua

Aluno B

01 – Qual a importância em aprender gramática?

A Gramática é muito importante pl nosso conhecimento, por que sem ela nós ficamos de mãos atadas pl escrever um texto, formar palavras e frases, só aí você percebe a importância da gramática, e como ela tem enorme importância. para nós alunos.

02 – Você tem dificuldade em aprender gramática? Por que?

Sim, Por que muitos dos professores não tem, o conhecimento apropriado para explicar as matéria com clareza, e isso acaba dificultando bastante nosso aprendizado.

03 – Quais sugestões você daria para tornar as aulas de gramática mais interessantes?

Que mudace a forma de explicar, por que muitos professores sabem para eles, mas quando vai explicar tem dificuldade em passar o que sabem, isso só mostra que muitos não estão preparados para a sala de aula.

01 – Qual a importância em aprender gramática? aluno: B

A importância da gramática, é fundamental, pois nela nós Entendemos melhor, A nossa língua Padrão do nosso país. A importância da gramática, Está as vezes no preenchimento do curriculo, numa carta Endereçada a uma autoridade, e até mesmo um concurso.

02 – Você tem dificuldade em aprender gramática? Por que?

Tenho Dificuldades na gramática porque nela tem muitas regras. A gramática ela é Difícil em termos, por Exemplo. Existem homônimos, Sinônimos, orações Subordinadas, Enfim Há nela uma imensidade de regras e Pontuação.

03 – Quais sugestões você daria para tornar as aulas de gramática mais interessantes?

A gramatica tornaria uma aula mais interessante, se o professor for mais maleável e brincalhão, fazendo da matéria uma fonte de amigos, Exemplo: uma aula de Dinâmica, uma aula com muita Descontração mas Sempre levando a Sério.

01 – Qual a importância em aprender gramática?

Bom a importância de aprender gramática é bom, porque é aprender gramática é aprender falar a língua portuguesa correto..

02 – Você tem dificuldade em aprender gramática? Por que?

Sim, Porque eu não gosto muito da matéria português, não consigo entender direito o que a minha professora explica.

03 – Quais sugestões você daria para tornar as aulas de gramática mais interessantes?

Estudar minha forma sugestão. criativa com textos, frases feitas por nós alunos.

**EXERCÍCIO**

Copie as palavras em seu caderno, separando corretamente as sílabas:

a) água *á-gua*
b) riacho *ri-a-cho*
c) saúde *sa-ú-de*
d) teleguiado *te-le-gui-a-do*
e) falência *fa-lên-cia*
f) subtração *sub-tra-ção*
g) disposição *dis-po-si-ção*
h) árduo *ár-duo*
i) crescerei *cres-ce-rei*
j) excedente *ex-ce-den-te*
l) nasça *nas-ça*
m) acessório *a-ces-só-rio*
n) espirradeira *es-pir-ra-dei-ra*
o) dicção *dic-ção*
p) cavalgadura *ca-val-ga-du-ra*
q) Saara *Sa-a-ra*
r) passarinhada *pas-sa-ri-nha-da*
s) cachorro *ca-chor-ro*
t) palmeira *pal-mei-ra*
u) colheita *co-lhei-ta*

Anexo 1 – Observação de aula

**Adjetivo**

O adjetivo é a palavra que indica um estado, qualidade ou característica dos seres.

| | | | |
|---|---|---|---|
| A | rua | é | velha |
| | Subst. | | comprida |
| | | | estreita |
| | | | torta |
| | | | perigosa |
| | | | longa |

Eu serei triste
feliz
sincero
carinhoso

**Locução adjetiva**: É a reunião de duas ou mais palavras com valor de um único adjetivo. O conjunto mais comum é formado por uma preposição geralmente, de mais um substantivo. O conjunto mais comum é formado por uma preposição (geralmente, de) mais um substantivo.

Rua de subúrbio = suburbana
de buracos = esburacada

**Formaçao dos adjetivos**

Quanto à formação, os adjetivos podem ser classificados em simples ou compostos e em primitivos ou derivados.

- **Adjetivos simples**: são aqueles formados por um só radical: carinhoso, sincero, feliz.
- **Adjetivos compostos**: são aqueles formados por mais de um radical: luso-brasileiro, azul-marinho.
- **Adjetivos primitivos**: são aqueles que derivam de outra palavra: feliz, grande, sincero.
- **Adjetivos derivados:** são aqueles que derivam de outra palavra, em geral de um substantivo ou de um verbo: carinhoso (derivado do substantivo carinho),

colombiano (derivado do substantivo Colômbia), durável (derivado do verbo durar).

O adjetivo apresenta flexão de **gênero, número e grau**.

O adjetivo pode ser flexionado em masculino e feminino, concordando com o substantivo ou com o pronome por ele modificado.

Grau do adjetivo — comparativo
superlativo

Grau comparativo — superioridade
igualdade
inferioridade

**Importante:**

Os adjetivos bom ,mau, grande e pequeno apresentam um forma própria para indicar o comparativo de superioridade. Essas formas são:

bom – melhor
mau – pior
grande – maior
pequeno – menor

Entretanto, quando comparamos duas qualidade de um mesmo ser, devemos usar as formas mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno.

Ex.: Gabriel era mais bom do que ambicioso.
Gabriel era mis grande do que forte.

Grau Superlativo — Absoluto analítico
sintético

Relativo de superioridade
de inferioridade